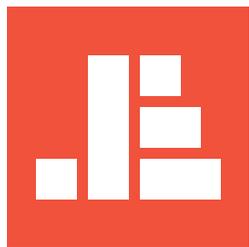


Investimento em I&D ultrapassou os 110 milhões de euros ■ P.8



11.07.2025

Diretor
André Macedo
Subdiretores
Lígia Simões
e Ricardo
Santos Ferreira

Special Report

Indústria farmacêutica

Caderno publicado como suplemento do Jornal Económico nº 2310. Não pode ser vendido separadamente.



“É essencial que a Europa assegure a sua autonomia estratégica na produção industrial de medicamentos”

■ A indústria farmacêutica portuguesa tem-se afirmado pela dinâmica, virada para os mercados internacionais. João Almeida Lopes, presidente da Apifarma, considera que pode ser importante na Europa, mas só com uma política industrial para o setor, se este for valorizado e se foram ultrapassados obstáculos. O cumprimento do acordo assinado pelo Estado é vital. Entrevista ■ P. 10-11

Exportações disparam 160% a caminho de novo recorde

Mesmo com a incerteza e a tensão geopolítica, a indústria farmacêutica portuguesa continua o processo de afirmação nos mercados internacionais e cresce à procura do terceiro recorde consecutivo. ■ P.2

Otimismo à espera da reindustrialização europeia ■ P.10

Os efeitos das ameaças no valor das empresas ■ P.4

“Efeito Trump” mantém o mercado em suspenso ■ P.4





As preparações farmacêuticas foram o principal motor desta subida e a Alemanha o mercado mais relevante

Salto de 160% a arrancar o ano antecipa novo recorde

Exportações ■ Mesmo com a incerteza e tensão global, a indústria farmacêutica lusa cresce à procura do terceiro recorde consecutivo.

João Barros
jbarros@medianove.com

O setor farmacêutico nacional continua a dar cartas lá fora, vendo um disparo nas exportações do primeiro trimestre apesar das fricções no comércio internacional. E, julgando pelos dados preliminares do INE, a tendência prolongou-se até maio, sublinhando a resistência do setor, aparentemente indiferente até então às ameaças norte-americanas.

O setor registou vendas ao exterior de 2.244 milhões de euros no primeiro trimestre, de acordo com os dados facultados pelo Health Cluster Portugal (HCP) ao JE, uma subida de 159,7% em

relação a igual período do ano passado. As preparações farmacêuticas foram o principal motor desta subida, com um aumento homólogo de 189,5%, embora todas as categorias analisadas tenham registado crescimentos expressivos.

Os produtos farmacêuticos de base subiram 71,4% para 72 milhões de euros e os equipamentos de radiação e eletromedicina aumentaram 60% para 8 milhões de euros, enquanto os instrumentos e material médico-cirúrgico saltaram 20,2% para 143 milhões de euros.

O principal mercado de destino das exportações portuguesas da fileira da saúde foi a Alemanha, detalha o HCP, com um volume de exportações na ordem

dos 1.268 milhões de euros. Isto significa que os alemães ultrapassaram os EUA, onde este valor se fixou nos 484 milhões de euros – o que corresponde, contudo, a um crescimento de 32,5% face ao período homólogo. No top 5

Setor registou exportações de 2.244 milhões de euros no primeiro trimestre, mais 159,7% do que em igual período de 2024, de acordo com o HCP

Raio-x ao setor

- **Trimestre** Primeiros três meses fecharam com 2.244 milhões de euros de exportações.
- **Produto** As preparações farmacêuticas, com 189,5%, foram a componente que mais cresceram em relação a igual período de 2024.
- **Mercado** Alemanha foi o principal mercado das exportações nacionais, com 1.268 milhões de euros.

■ **EUA** Mercado norte-americano mantém-se no top-5, com 484 milhões e juntamente com Espanha, França e Bélgica.

■ **Tarifas** Presidente Trump ameaçou recentemente impor taxas de 200% nos produtos farmacêuticos importados pelos EUA. Setor nacional já paga tarifa universal de 10% e arrisca recíproca de 50% na ausência de acordo.

■ **Comissão** Bruxelas procurará isentar o setor de tarifas norte-americanas nas negociações para um acordo comercial.

dos mercados de destino mantêm-se a Espanha, França e Bélgica.

Com os dados entretanto publicados pelo INE referentes ao comércio internacional até maio, a tendência evidenciada é semelhante. Embora olhando para categorias distintas (e, portanto, não comparáveis com os dados fornecidos pelo HCP para o primeiro trimestre), verifica-se que as exportações de produtos farmacêuticos cresceram 153,4% até maio, ou seja, também mais do dobro do registado em igual período do ano passado.

Sucessão de recordes

Estes números evidenciam uma tendência dos últimos anos, com a fileira farmacêutica da saúde a afirmar-se fora de portas. No ano passado havia sido a barreira dos 3 mil milhões a ser ultrapassada, marcando novo máximo histórico nas vendas ao exterior, pulverizando o anterior recorde fixado no ano anterior, em 2023.

No detalhe, o setor cresceu acima de 40% em cada um dos dois anos anteriores, tendo mesmo passado o máximo de 2023 a dois meses do final do ano passado, um sinal claro da sua força. Olhando exclusivamente para 2024, a indústria farmacêutica foi responsável por quase metade – neste caso, 45% – do crescimento das exportações nos primeiros dez meses daquele ano.

Os EUA vinham mostrando uma evolução notável, ganhando quota nas exportações portuguesas, mas esta tendência está agora ameaçada pela política comercial de Trump. Além das tarifas universais e recíprocas que deverão incluir a UE (e, por arrasto, Portugal), a Casa Branca ameaça agora com barreiras de 200% específicas para os produtos farmacêuticos, medida que promete ser altamente penalizadora para o setor.

Ao JE, fonte da Apifarma - Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica recusa comentar esta possibilidade, deixando considerações apenas para medidas concretas, já conhecidas e aprovadas. Ainda assim, é sabido que Bruxelas procurará isentar os bens farmacêuticos nas negociações com os homólogos norte-americanos, pressionada por vários Estados-membros onde a fileira da saúde é cada vez mais relevante na economia.

“Somos parte ativa da transformação do setor”

Entrevista a Nuno Brás. Country Manager Portugal da Angelini Pharma

Segundo o relatório New Headway, o investimento em saúde mental pode evitar custos de 122 mil milhões de euros na Europa. O que seria necessário fazer para aplicar as conclusões deste relatório em Portugal e que papel pode a Angelini Pharma desempenhar nesse processo?

Para transpor as conclusões do relatório para a realidade portuguesa, seria necessário um esforço concertado e multifacetado, com foco em várias áreas-chave. Na Angelini Pharma vemos-nos como um parceiro estratégico e um catalisador para a mudança através de:

- Advocacia e Disseminação de Conhecimento;
- Colaboração para apoiar a formulação de políticas públicas eficazes;
- Investimento contínuo em I&D para trazer Inovações Terapêuticas capazes de responder as necessidades clínicas ainda não atendidas;
- Apoio à formação contínua dos Profissionais de Saúde.

Em suma, o relatório “New Headway” demonstra inequivocamente que o investimento em saúde mental não é um custo, mas sim um investimento com retorno económico e social substancial

A Angelini tem apostado na criação de sinergias com outros parceiros, como no projeto de crowdsourcing em parceria com a Wazoku para investigação sobre epilepsia ou na colaboração com a GRIN Therapeutics. Estas sinergias são fundamentais para continuar a desenvolver soluções inovadoras?

O crowdsourcing permite-nos aceder a um vasto leque de mentes brilhantes – startups, investigadores, empreendedores – que podem trazer perspetivas e tecnologias disruptivas que de outra forma não alcançaríamos. É uma forma ágil de acelerar a inovação.

Enquanto o crowdsourcing com a Wazoku nos permite explorar soluções disruptivas para desafios específicos (como a adesão terapêutica), a colaboração com a GRIN Therapeutics representa a nossa aposta em parcerias estratégicas de I&D para o desenvolvimento de novas moléculas e terapias.

A parceria com a Trueblue, com o objetivo de otimizar a tomada de decisões através de Business Intelligence, é um sinal da crescente importância da análise de dados na melhoria da tomada de decisões?

O Business Intelligence com a Trueblue



Nuno Brás, Country Manager Portugal da Angelini Pharma

permitiu-nos transformar a avalanche de dados em insights acionáveis, otimizando recursos e agilizando decisões. Mas a verdadeira inovação reside na IA, nomeadamente através do “M.A.R.C.”, o Especialista Farmacêutico Virtual.

A IA vai além da mera análise de dados históricos e permite:

Sugestões Estratégicas em Tempo Real: O M.A.R.C. fornece à nossa Força de Vendas os insights e recomendações personalizados, otimizando interações e aumentando a eficácia comercial; Melhoria da Performance e Eficácia, garantindo que as nossas ações comerciais são mais direcionadas e impactantes.

Esta colaboração representou um investimento na nossa capacidade de ser uma organização mais inteligente e ágil.

Quais são os principais desafios na promoção de produtos de autoconsumo coadjuvantes à terapêutica da depressão?

A promoção de produtos de autoconsumo como coadjuvantes à terapêutica da depressão é uma área em crescente desenvolvimento e com muita atenção por parte de consumidores e prescritores. No entanto, exige uma abordagem

responsável e diferenciadora.

Entre os principais desafios, destaca-se a necessidade de comunicar de forma rigorosa e transparente num quadro regulatório que limita alegações terapêuticas. Acresce a importância de construir credibilidade junto dos profissionais de saúde, que continuam a valorizar acima de tudo a evidência clínica robusta. Além disso, o estigma associado à depressão pode dificultar o engagement direto com o consumidor, exigindo uma comunicação sensível, que privilegie o autocuidado e o equilíbrio emocional, em vez da linguagem da patologia.

Apesar destes desafios, existem oportunidades concretas. Há uma procura crescente por abordagens integradas, e os consumidores estão mais recetivos a soluções naturais, personalizadas e que promovam a autonomia na gestão da saúde da saúde em geral, incluindo a mental. Estes produtos, quando bem posicionados, podem atuar como facilitadores da adesão à terapêutica médica, melhorar a qualidade de vida e responder a um segmento de doentes com sintomas ligeiros ou em fase de manutenção.

É essencial, por isso, aliar inovação e

responsabilidade: investir em diferenciação científica, aliando-nos aos profissionais de saúde no desenvolvimento de novas soluções e no seu aconselhamento médico. Com esta abordagem, os produtos de autocuidado podem afirmar-se como uma resposta complementar e valorizada num ecossistema de saúde mental em profunda transformação.

Enquanto Diretor-Geral, quais são as suas prioridades estratégicas, a curto e médio prazo, para a Angelini em Portugal, num setor em crescimento?

Enquanto Diretor-Geral da Angelini Pharma em Portugal, as minhas prioridades estratégicas centram-se na consolidação da nossa posição como player de referência em Saúde Mental, área em que temos uma trajetória sólida e um compromisso renovado com a inovação. Acreditamos que o futuro da companhia passa também por alargar o nosso impacto a áreas emergentes como as doenças raras, onde a combinação entre ciência e proximidade poderá gerar valor real para doentes e profissionais de saúde.

A curto e médio prazo, queremos reforçar a nossa pegada comercial, mantendo um crescimento sustentável e equilibrado entre o setor do medicamento sujeito a receita médica e o dos produtos de autocuidado, onde vemos espaço para inovação relevante e acessível. Esse crescimento será alavancado tanto por lançamentos oriundos de business development, como por um trabalho contínuo de valorização do nosso portefólio atual, com foco na diferenciação terapêutica e no impacto em saúde.

Paralelamente, é essencial preparar a organização para uma nova fase: a transição para um modelo de specialty care, onde competências específicas, maior proximidade com os stakeholders e excelência operacional serão determinantes. Para isso, queremos investir no fortalecimento da nossa cultura empresarial, promovendo uma liderança próxima, equipas ágeis, talento comprometido e uma visão comum: cuidar da saúde das pessoas, todos os dias, com paixão e ciência.

Na Angelini Portugal, somos parte ativa da transformação do setor e estamos determinados em contribuir para uma resposta cada vez mais integrada e humana aos desafios da saúde, colocando sempre o doente no centro de tudo o que fazemos.

O “efeito Trump” que mantém o mercado global em suspenso

Intenções com impacto na bolsa

Tarifas ■ Donald Trump tem assestado a mira na indústria farmacêutica, que responsabiliza pelos custos com a saúde no mercado norte-americano. Já o tinha feito no anterior mandato.

Ricardo Santos Ferreira
rsferreira@medianove.com

Triplicar o preço dos produtos farmacêuticos importados para os Estados Unidos da América (EUA), impondo-lhes tarifas alfandegárias de 200%, não já, mas dentro de um ano ou 18 meses, para dar tempo aos fabricantes para transferirem as suas produções para solo americano. Esta é a ameaça de Donald Trump, renovada esta semana, depois de um primeiro aviso feito em março.

Após uma reunião do gabinete governamental, Trump anunciou mais medidas na sua guerra comercial com o mundo, incluindo tarifas imediatas de 20% sobre produtos farmacêuticos, com a promessa de serem aumentadas mais tarde.

“Vamos dar-lhes cerca de um ano, um ano e meio, para entrarem”, disse o presidente norte-americano, referindo-se à deslocalização da produção das farmacêuticas. “Depois disso, serão tarifadas se tiverem de trazer os produtos farmacêuticos para o país. Serão tarifadas a uma taxa muito, muito elevada, como 200%. Vamos dar-lhes um determinado período para se organizarem”, sublinhou.

Desta vez, a cotação das ações das grandes farmacêuticas manteve-se estável, apesar das ameaças.

Trump mencionou pela primeira vez esta ideia de impor tarifas de 200% em março, num encontro com Micheál Martin, o Taoiseach, o primeiro-ministro irlandês, quando criticou a forma como a Irlanda tinha atraído as empresas farmacêuticas americanas, prometendo-lhes impostos baixos.

A Irlanda é o maior exportador de produtos farmacêuticos para os EUA. Em 2024, foram cerca de 50 mil milhões de dólares (cerca de 42,7 mil milhões de euros, ao câmbio atual), con-



As tarifas de Trump tornaram-se o principal influenciador do mercado

Farmacêuticas pedem mudanças

■ As empresas farmacêuticas aproveitaram o impulso das ameaças de Donald Trump para exigir alterações ao quadro regulatório da União Europeia. Um grupo de 32 empresas enviou uma carta à presidente da Comissão Europeia com reivindicações destinadas a evitar a migração de operações para o outro lado do Atlântico.

As farmacêuticas queixam-se de desvantagens de custos na Europa em comparação com os EUA e pedem a simplificação das regulamentações de desenvolvimento de medicamentos, nomeadamente nas exigências para a realização de ensaios clínicos. O alargamento das disposições sobre a propriedade intelectual também é uma questão.

tra 12 mil milhões de dólares (cerca de 10,2 mil milhões de euros) da Índia e de oito mil milhões de dólares (cerca de 6,8 mil milhões) da China, de acordo com os dados do Departamento de Censos dos EUA.

Logo a seguir ao embate com a Irlanda, a 1 de abril, o Departamento do Comércio norte-americano iniciou o que é conhecido como uma investigação da Secção 232, visando produtos farmacêuticos. Estão em causa medicamentos genéricos e não genéricos acabados, contramedidas médicas, insumos críticos, como ingredientes farmacêuticos ativos e principais matérias-primas, e produtos derivados desses itens. São examinadas questões como a procura de produtos farmacêuticos nos EUA, o papel das cadeias de abastecimento estrangeiras, a concentração das importações de medicamentos e o potencial de os países estrangeiros utilizarem como arma o seu controlo sobre o fornecimento de produtos farmacêuticos.

A administração norte-americana anunciou que a investigação tem como objetivo avaliar as implicações das importações de produtos farmacêuticos para a segurança nacional. Se for identificada uma ameaça, o presidente pode então impor restrições comerciais, como tarifas, para corrigir a situação ou tomar outras medidas que considere necessárias.

Esta decisão foi entendida como um primeiro passo para a fixação de tarifas, para mais porque foi dado quando Trump promoveu o seu Dia da Libertação, com o anúncio da imposição de taxas alfandegárias generalizadas, procurando reduzir défices comerciais, num movimento amplamente contestado.

Nesta altura, sim, as ações das grandes farmacêuticas cotadas ressentiram-se e caíram (ver peça nesta página).

■ A indústria farmacêutica tem vivido em alta consistente, com a multiplicação de soluções que vai apresentando, fruto da aposta na investigação, e depois de ter dado provas de capacidade na resposta à pandemia de covid-19. Mas o sucesso também tem um custo, de visibilidade, com o setor a enfrentar agora uma maior pressão por se considerar estratégico, pelo crescente peso económico, mas também pela segurança.

O avanço de Donald Trump contra a indústria farmacêutica, por questões internas, como o preço dos medicamentos, mas também externas, como o domínio das cadeias de abastecimento, constituem uma súpula da tensão presente. A Europa é um alvo. Em 2024, os produtos farmacêuticos foram a maior exportação da União Europeia para os EUA, avaliada em 127 mil milhões de dólares (cerca de 117 mil milhões de euros).

No pós-pandemia, o STOXX Europe Total Market Pharmaceuticals atingiu um máximo em agosto do ano passado, nos 1.172,52 pontos. Mas depois, Donald Trump venceu as eleições, foi empossado e explanou sua política, sem exagerada surpresa face ao que fez no primeiro mandato e ao que anunciou na campanha eleitoral.

A 25 de fevereiro, o índice bolsista que reflete a evolução das empresas europeias dos setores farmacêutico e da biotecnologia estava no ponto máximo deste ano, nos 1.059,19 pontos. Depois da reunião com o primeiro-ministro irlandês, do show que foi o Dia da Libertação e do anúncio da investigação do Departamento do Comércio, deslizou, quebrando 23,45% até 9 de abril, para 810,73 pontos, o ponto mais baixo do ano.

Com a nova investida de Trump, esta semana, não houve mexidas. Esta quinta-feira, 10 de julho, o STOXX Europe Total Market Pharmaceuticals estava nos 906,36 pontos, estável. RSF

Portugal tem a oportunidade de criar um ambiente mais propício à inovação

Para Eric King, Diretor-Geral da GSK Portugal e também seu vice-presidente para a Europa, existe em Portugal uma clara oportunidade para a criação de um ambiente mais propício à inovação

Quais são as prioridades estratégicas da GSK Portugal?

Na GSK Portugal, as prioridades estratégicas estão totalmente alinhadas com o propósito global da empresa: unir ciência, tecnologia e talento para avançar na prevenção e tratamento da doença.

Trabalhamos para garantir o acesso sustentável a medicamentos e vacinas inovadoras, que respondam às necessidades mais urgentes da população portuguesa. Além disso, investimos em parcerias com instituições locais, promovendo a investigação científica e a educação na área da saúde. A sustentabilidade também é uma prioridade. Apostamos em práticas mais ecológicas e responsáveis em toda a nossa cadeia de valor e investimos continuamente no nosso capital humano.

No essencial, procuramos ser um parceiro ativo e responsável, contribuindo para a sustentabilidade do Sistema Nacional de Saúde, ao mesmo tempo em que trazemos inovação terapêutica aos portugueses e criamos as condições ideais para o desenvolvimento e progressão das nossas pessoas.

O que representa para a GSK Global o mercado português?

O mercado português, embora de dimensão moderada, tem uma relevância significativa para a GSK, uma vez que combina um sistema de saúde universalmente reconhecido, uma população altamente receptiva à inovação e uma elevada qualificação dos profissionais de saúde e investigadores.

No entanto, se existisse uma maior previsibilidade e estabilidade regulatória, se as decisões de saúde pública não estivessem tão condicionadas pelos ciclos políticos e calendários eleitorais e se a prevenção fosse uma prioridade estratégica dos decisores, o cidadão seria claramente mais beneficiado e as organizações, principalmente as multinacionais de inovação que trazem investimento estrangeiro, teriam condições mais vantajosas para prosperar e gerar mais riqueza para o país.

Há, claramente, uma oportunidade de criar um ambiente mais propício à inovação e ao crescimento económico ancorado na ciência e inovação e queremos acreditar que as autoridades vão saber aproveitar o momentum.



Eric King, Diretor-Geral da GSK Portugal e Vice-Presidente da GSK Europa

Qual é o foco da área de I&D?

A nossa Investigação & Desenvolvimento (I&D) está focada em quatro áreas terapêuticas principais: doenças infecciosas, HIV, oncologia e imunologia/doenças respiratórias. A nossa abordagem combina ciência inovadora e tecnologia avançada para acelerar o desenvolvimento de medicamentos e vacinas que façam uma diferença real na vida das pessoas. Investimos na compreensão do sistema imunitário,

“Procuramos ser um parceiro ativo e responsável, contribuindo para a sustentabilidade do Sistema Nacional de Saúde”

o que permite desenvolver soluções mais direcionadas e efetivas.

Em Portugal, temos contribuído para este esforço global, através do apoio à investigação clínica e colaboração com instituições académicas de excelência para produzir avanços científicos que beneficiem a saúde da população.

A Inteligência Artificial (IA) provocou mudanças na forma de trabalhar da GSK?

A Inteligência Artificial (IA) está a transformar profundamente a forma como trabalhamos, tanto a nível global, como em Portugal. No contexto de I&D, a IA permite acelerar a identificação de alvos terapêuticos, prever respostas a tratamentos e melhorar o desenho de ensaios clínicos.

No nosso país, esta transformação reflete-se, por exemplo, na aplicação de modelos preditivos para análise de dados clínicos e epidemiológicos, permitindo decisões mais informadas e ágeis e na digitalização de processos que aumentem a eficiência e a segurança.

Além disso, adotamos soluções digitais que melhoram a interação com profissionais de saúde, maximizando as potencialidades da IA na área médica, com uma melhor monitorização e gestão de riscos, beneficiando os profissionais de saúde e os doentes.

A indústria farmacêutica, no seu todo, já está digitalizada? Que desafios enfrentam?

A digitalização na indústria farmacêutica é uma realidade em crescimento. Existem áreas bastante avançadas, como a automação na produção, a análise de dados clínicos em larga escala e as plataformas digitais de interação com os stakeholders. No entanto, persistem desafios externos, como a interoperabilidade de sistemas, a proteção de dados sensíveis e a adaptação dos quadros regulamentares a esta nova realidade.

Além disso, é crucial garantir que a transformação digital é acompanhada de uma verdadeira capacitação das equipas humanas.

Até que ponto a IA poderá fazer surgir novas abordagens na produção de medicamentos?

A IA tem o potencial de revolucionar a área farmacêutica. Com algoritmos avançados, podemos prever como moléculas interagem com alvos biológicos, identificar candidatos promissores mais rapidamente e personalizar tratamentos com base em perfis genéticos. Além disso, a IA pode otimizar processos de produção, prever efeitos adversos e desenhar vias de produção mais eficientes e sustentáveis, reduzindo custos e aumentando a eficiência. No futuro, esperamos que a IA permita abordagens mais precisas e adaptadas às necessidades individuais dos doentes, marcando um passo significativo para a medicina personalizada, com impacto positivo direto na vida dos doentes.

João Almeida Lopes ■ A indústria farmacêutica portuguesa tem-se afirmado pelo crescimento e pela dinâmica, virada para os mercados internacionais. O presidente da Apifarma, a associação que representa o setor, considera que o país pode contribuir para a autonomia estratégica da Europa, mas só se a indústria for valorizada e vencidos os obstáculos que a reprimem. O cumprimento do acordo assinado pelo Estado é vital.

“Temos oportunidade para definir uma política industrial de saúde”

Ricardo Santos Ferreira
rsferreira@medianove.com

O setor farmacêutico tem crescido acima da economia e tem ganho peso nas exportações. Quais são os motores dessa evolução?

A indústria farmacêutica tem vindo a realizar um processo de modernização e investimento, resultando na construção de novas unidades produtivas e ampliação e modernização das plataformas industriais existentes. Temos, assim, uma indústria altamente qualificada, sustentada por uma cadeia de valor robusta e com um notável potencial de crescimento, inovação e internacionalização. Os dados mais recentes confirmam esta trajetória: no primeiro quadrimestre de 2025, as exportações de produtos farmacêuticos e matérias-primas atingiram os 2.292 milhões de euros, traduzindo um crescimento expressivo face ao período homólogo.

Este desempenho reforça a evolução contínua e sustentada do setor, que se tem afirmado como um dos principais motores das exportações nacionais. De facto, o crescimento das exportações farmacêuticas superou o das exportações totais de bens, consolidando a sua relevância estratégica. Atualmente, o setor representa já 8,3% do total das exportações de bens em Portugal, o que evidencia o seu contributo significativo para o desenvolvimento económico do país e

para o reforço da sua competitividade internacional.

Que importância tem o ecossistema de inovação farmacêutica em Portugal?

Em 2024, mais de 5.600 doentes tiveram acesso precoce a novas terapêuticas por via da promoção de ensaios clínicos em Portugal. Bastaria este indicador para mostrar a sua importância decisiva, em particular para as pessoas com doença, que, deste modo, conseguem ter acesso precoce e gratuito a terapias de ponta com potencial para melhorar a sua qualidade e tempo de vida. E Portugal tem registado uma dinâmica de crescimento nesta área, com o primeiro trimestre de 2025 a registar um aumento de 1,6% face ao período anterior.

Os ensaios clínicos são também essenciais para atrair e reter profissionais qualificados, desenvolver capacidade médico-científica dos profissionais de saúde e ainda de promover o desenvolvimento de novas abordagens clínicas. Este investimento em inovação que a indústria farmacêutica promove contribui igualmente para a sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde [SNS]. Estas terapias têm um valor imensurável para o doente e não representam custos para o SNS, uma vez que são suportados pela indústria farmacêutica durante o tempo em que decorrem os ensaios clínicos.

A indústria farmacêutica é res-

ponsável por 92% dos ensaios clínicos realizados em Portugal.

Importa recordar o estudo que a Apifarma promoveu – o valor do medicamento – um estudo que revelou que cada euro de procura adicional gerado na atividade de ensaios clínicos proporciona um retorno de 1,99 euros na economia portuguesa. A conjugação destes fatores, revela bem o papel essencial da inovação farmacêutica para as pessoas, sociedade e economia.

A articulação entre empresas, universidades e centros de investigação está a evoluir na direção certa? O que falta para consolidar um verdadeiro ecossistema de inovação?

Nos últimos anos, foram dados passos muito relevantes. No passado mês de março assinámos um acordo entre o Estado e a indústria farmacêutica para o período de 2025 a 2028, que responde a várias necessidades identificadas pelos nossos associados. Destaca-se o compromisso do Estado com o reforço da investigação clínica no SNS e com o apoio à criação do Portal Único de Ensaios Clínicos – duas iniciativas fundamentais para posicionar Portugal como um cluster de referência nesta área.

A Apifarma tem igualmente vindo a defender a importância de garantir autonomia e dotação de meios técnicos aos centros de investigação, de forma a poderem atrair projetos internacionais e evitar a



Se forem eliminados os constrangimentos burocráticos, que só prejudicam o país, se o Estado investir numa estratégia a médio e longo prazo e se os objetivos definidos forem claros para todas as partes envolvidas, o setor da saúde pode ser um dos maiores polos de inovação e crescimento em Portugal”

deslocação de ensaios clínicos para outras geografias. Neste sentido, o despacho do Governo aprovado em fevereiro de 2024 representa mais um avanço importante ao estabelecer um conjunto de medidas para reforçar a capacidade e autonomia dos Centros de Investigação Clínica do SNS.

Medidas anteriores, como a criação da AICIB – Agência de Investigação Clínica e Inovação Biomédica – e a articulação eficaz entre os diferentes stakeholders deste ecossistema, têm sido igualmente determinantes para os progressos alcançados.

Apesar dos avanços, é necessário aprofundar este trabalho. As decisões do Governo previstas no Acordo devem traduzir-se em ações concretas, e os centros de investigação clínica do SNS precisam de condições reais para implementar as medidas de reforço de capacidade e autonomia já aprovadas. Entre outras propostas, defendemos, por exemplo, a



criação de um Conselho Estratégico (*think tank*) para a estimular a definição de políticas públicas de incentivo à inovação, com participação multissetorial. Os desafios são muito significativos. Portugal enfrenta um acentuado envelhecimento demográfico, enquanto a investigação clínica na Europa perde terreno para geografias mais atrativas. Ainda assim, há sinais encorajadores para Portugal: no final de 2024, um estudo da EFPIA e da Vaccines Europe sobre o ecossistema europeu de ensaios clínicos destacou o bom desempenho do país, inserido numa tendência de migração dos ensaios da Europa do Norte e Ocidental para o Sul. Aproveitar esta oportunidade deve ser encarado como um desígnio nacional. O futuro exige uma mobilização clara para transformar Portugal, sem reservas, num centro de excelência em investigação clínica – capaz de atrair mais investigação e ensaios clínicos, cap-

tar investimento internacional e contribuir para a tão necessária resiliência europeia neste domínio. Se fizermos esta aposta, temos todas as condições para sermos bem-sucedidos.

Que papel pode Portugal assumir na cadeia de valor farmacêutica global, tendo em conta as mudanças geopolíticas e industriais?

Além do referido, se forem eliminados os constrangimentos burocráticos, que só prejudicam o país, se o Estado investir numa estratégia a médio e longo prazo e se os objetivos definidos forem claros para todas as partes envolvidas, o sector da saúde pode ser um dos maiores polos de inovação e crescimento em Portugal. Com essa força, certamente poderemos ter um papel de maior relevância a nível europeu e a nível global. O crescente reforço da capacidade industrial em Portugal permitiu o sustentado aumen-

to das exportações e que o seu destino se alterasse. A título de exemplo: em 2024, 55% das exportações da indústria farmacêutica foram dirigidas para a União Europeia, sendo os Estados Unidos da América o segundo maior mercado, com uma fatia de 33%. O peso das exportações para a UE subiu, entretanto, no primeiro quadrimestre de 2025, tendo atingido os 69,8%.

É essencial que a Europa assegure a sua autonomia estratégica em termos de produção industrial de medicamentos, vacinas, diagnósticos *in vitro*, bem como na investigação clínica nestas áreas. Portugal já está a dar o seu contributo para este objetivo e pode ir, ainda, mais além. Para isso acontecer, precisamos que a indústria da saúde seja verdadeiramente valorizada, económica e estrategicamente, que seja encarada como um setor industrial competitivo e promotor de desenvolvimento.

Portugal está a conseguir atrair e reter talento qualificado na indústria farmacêutica?

Promover a investigação e reforçar a capacidade industrial da indústria farmacêutica são condições fundamentais para atrair e reter talento. A criação de um ecossistema dinâmico, onde a inovação é incentivada e as oportunidades de desenvolvimento profissional são reais e sustentadas, é decisiva para fixar recursos humanos de excelência em Portugal, posicionando o país como um polo atrativo para cientistas, técnicos e profissionais especializados.

Considera que existe, hoje, uma política industrial clara para o setor farmacêutico em Portugal? O que gostaria de ver mais claramente definido?

Os diagnósticos estão feitos e todas as partes envolvidas – indústria, Governo e entidades reguladoras – têm trabalhado no sentido de valorizar o potencial da Indústria farmacêutica nacional e do que ainda nos falta fazer. Neste momento, temos, assim, a oportunidade para definir uma política industrial de saúde.

O acordo assinado entre o Estado e a indústria farmacêutica vem ajudar a promover o investimento, nomeadamente, através de apoios ao investimento realizado em hubs, centros de apoio à investigação e desenvolvimento. Precisamos de continuar a sistematizar as necessidades, tomar decisões e avançar com a sua implementação. A inclusão da Reforma do Estado na nova orgânica do Governo poderá ser um fator decisivo para que a simplificação e a digitalização se afirmem como os tão necessários eixos centrais, permitindo progressos concretos em áreas essenciais como os licenciamentos, por exemplo. É igualmente necessário não esquecer a criação de incentivos à investigação clínica e à disponibilização de medicamentos de elevado valor acrescentado. Estas medidas contribuirão para o reforço da indústria farmacêutica de base produtiva nacional e europeia – necessidade que a pandemia, a crise energética, as guerras, o atual contexto geopolítico e as tensões comerciais daí decorrentes, vieram evidenciar.

Quais são os principais bloqueios estruturais que ainda

travam o potencial de crescimento desta indústria?

A burocracia é um enorme entrave. Desde a demora excessiva nos licenciamentos ao tempo de espera para iniciar um ensaio clínico ou promover o recrutamento de doentes para a investigação, ainda nos deparamos com muitos obstáculos.

O enfraquecimento da nossa capacidade industrial e o excesso de dependência externa conduziram-nos até aqui.

Assistimos a uma perda de competitividade da Europa para outros territórios, como os Estados Unidos da América, a China e a Índia. Inverter este caminho é urgente e passa, inevitavelmente, pela reindustrialização da Europa.

O exemplo de Espanha é importante. Espanha percebeu a importância desta área e tornou-a um dos pilares do Plano de Recuperação e Resiliência. Ou a França, que com o plano estratégico e industrial “France 2030”, logo em 2021, apostou na relocalização, no país, da produção de medicamentos essenciais.

Foi reeleito presidente da Apifarma. Quais são os objetivos do mandato?

É objetivo da Apifarma continuar a trabalhar com os nossos associados para garantir mais e melhor saúde para todos os portugueses.

Regressando ao início. Quais serão os motores de desenvolvimento do setor? Onde o vê no futuro?

A indústria farmacêutica tem vindo a investir e a modernizar-se, com resultados evidentes. Se o setor da saúde for devidamente reforçado enquanto setor estratégico, Portugal tem todas as condições para atrair mais investimento internacional, afirmar-se como um cluster relevante em inovação farmacêutica, aumentando a sua produção industrial, reforçando as exportações e contribuindo de forma significativa para o crescimento económico nacional.

A indústria farmacêutica representa milhares de postos de trabalho diretos e indiretos, dá um forte contributo para a investigação de novas tecnologias em saúde e para as exportações. Todas estas mais-valias podem ser potenciadas, promovendo mais saúde, mais emprego, mais crescimento económico e tornando Portugal e a Europa mais resilientes neste domínio essencial.

Setor farmacêutico investiu 110,6 milhões de euros em I&D

Inovação ■ O investimento em I&D no setor farmacêutico é essencial para o país e para o desenvolvimento de novos medicamentos e terapias que contribuem para a melhoria de vida dos pacientes, gerando valor económico no país.

Inês Correia Botelho
ibotelho@medianove.com

A indústria farmacêutica tem apostado no investimento em Investigação e Desenvolvimento (I&D). E estima-se que, em 2023, na Europa, esse valor tenha rondado os 50 mil milhões de euros. O investimento nesta área foca-se, essencialmente, no desenvolvimento experimental e na investigação aplicada para o melhoramento e a inovação de medicamentos, terapias e tecnologias para a saúde.

“A I&D não só melhora a vida dos doentes e proporciona acesso a tratamentos inovadores, como também gera valor económico, atrai investimento estrangeiro e contribui para a sustentabilidade do sistema de saúde”, afirma Helena Freitas, diretora-geral da Sanofi Portugal.

Em Portugal, também se verifica esta tendência, suportada por dados da Apifarma. Estes demonstram que, na última década, entre 2013-2023, a indústria investiu cerca de 1.051 milhões de euros nesta área, sendo que em 2023 o investimento cresceu 11,5%, para 110,6 milhões de euros.

Vanessa Jacinto, Head of Market Access and Public Affairs da Boehringer Ingelheim, salienta que este investimento é essen-

cial para o país a vários níveis, nomeadamente pela “sua relevância para a competitividade”. “Temos um ecossistema científico robusto, com investigadores altamente qualificados, bem como centros de excelência”, reforça.

Na opinião do diretor executivo do Health Cluster Portugal, Joaquim Cunha, o país está “numa onda boa em termos de dinâmica de investimento e desenvolvimento na área da saúde e farmacêutica”. O mesmo responsável defende que este otimismo foi impulsionado por algumas medidas tomadas pelo Governo e entidades do setor, nomeadamente pelo lançamento do despacho do Governo de 2024, que dá autonomia aos centros clínicos hospitalares no âmbito dos ensaios clínicos.

Outra boa notícia respeita à possibilidade de estabelecer contratos diretos entre a indústria farmacêutica e os institutos de investigação e universidades, e do protocolo Apifarma, que foi renunciado e alargou o âmbito para incentivar as empresas multinacionais a investirem no país.

Comparando com a Europa, ainda “temos muito caminho para andar” no que toca ao investimento português, refere Joaquim Chaves, destacando que temos “folga para crescer. Além



Investimento em I&D resulta em novos medicamentos e terapias

disso, acredito que as medidas aplicadas poderão alavancar nesse sentido”.

No ano passado, a grande maioria do investimento nesta área em Portugal foi feito na zona de Lisboa e Vale do Tejo, com cerca de 59,5 milhões de euros, seguida por Porto e Norte, com 40,5



Joaquim Cunha
Diretor executivo do Health Cluster Portugal

565 ensaios clínicos ativos em Portugal

■ O número de ensaios clínicos em Portugal aumentou 1,6% no primeiro trimestre de 2025, face ao período anterior, tendo atingido os 565. De acordo com os dados disponíveis da Apifarma, 21 tiveram início este ano, enquanto a grande maioria, 58,5%, teve início até 2022.

Os dados revelam ainda que 72% destes são de fase III, uma fase crucial onde são avaliadas em grande escala a eficácia e a segurança do medicamento ou procedimento, enquanto apenas 5,7% se encontram em Early F1, F1 e F1/FII.

A principal área em que estes ensaios incidem é na de oncologia, seguindo-se as doenças raras e a colite ulcerativa+ D. Crohn.

A grande maioria dos ensaios clínicos ativos em Portugal, 95%, são internacionais, sendo os restantes 5% da iniciativa de investigadores portugueses, estando a ser desenvolvidos apenas em CIC portugueses. Apesar de estarem distribuídos por 15 distritos do país, é em Lisboa e no Porto que se concentra a maior parte dos ensaios clínicos. Já os Açores e as regiões do interior do país não têm nenhum ensaio clínico.

milhões de euros. Já o Centro de Portugal registou um investimento de 8,1 milhões e o Alentejo de 2,5 milhões.

Apesar dos bons ventos, esta área ainda enfrenta alguns desafios. De acordo com o relatório da EFPIA, a Europa tem enfrentado vários obstáculos regulatórios e uma escalada dos custos, aos quais se soma o impacto das medidas fiscais austeras introduzidas por alguns governos europeus.

O setor farmacêutico em Portugal não escapa às dificuldades, mas estas prendem-se antes com o reconhecimento limitado dos Centros de Investigação Clínica (CIC), com a reduzida autonomia na gestão de recursos huma-

nos, a ausência de tempo protegido para a investigação, e com a colaboração assimétrica com associações de doentes, a juntar aos níveis ainda baixos de maturidade digital, segundo o primeiro Barómetro de Inovação Clínica. “Estes fatores limitam o potencial de crescimento e o impacto da investigação clínica no país”, salienta Helena Freitas, diretora-geral da Sanofi Portugal.

Paralelamente, existe ainda um ‘problema europeu’, que passa por, “em termos de qualidade da ciência, a Europa consegue estar na dianteira, no entanto, em termos de concretização e retorno, estamos sempre abaixo dos EUA e da Ásia”, realça Joaquim Cunha.

Onde a Ciência Encontra a Coragem para Ir Mais Longe pelos Doentes

Entrevista a Helena Freitas, Diretora-Geral da Sanofi Portugal

Num setor tão abrangente, a inteligência artificial é um game changer?

Sem dúvida. A inteligência artificial (IA) é mais do que um “game changer” – é um catalisador essencial para a próxima era da inovação farmacêutica. Num setor exigente, com desafios como o aumento dos custos de saúde, disrupções na cadeia de abastecimento e a necessidade de inovação contínua, a IA oferece oportunidades transformadoras que o humano não conseguiria sozinho.

A IA permite-nos descobrir medicamentos mais rapidamente, desenvolvê-los com maior eficiência, distribuí-los de forma resiliente e adaptá-los às necessidades individuais dos doentes. É a chave para cumprirmos a nossa missão e concretizarmos os nossos pilares estratégicos.

De que forma a IA está a acelerar a investigação científica?

A IA está a redefinir a forma como descobrimos, desenvolvemos e disponibilizamos medicamentos. Num setor tradicionalmente marcado por ciclos longos e custos elevados, a IA permite-nos acelerar e aprofundar a investigação com uma precisão sem precedentes. Na Sanofi, conseguimos reduzir os ciclos de I&D em 2 a 3 anos. Isto torna o nosso investimento de 3 mil milhões de euros anuais em I&D globalmente muito mais produtivo. A IA permite-nos identificar candidatos promissores, antecipar eventuais efeitos secundários e otimizar ensaios clínicos. Além disso, democratiza a inovação, capacitando as nossas pessoas com as ferramentas mais avançadas. Esta sinergia entre inteligência humana e artificial é o que realmente impulsiona uma nova era na investigação científica.

Qual a importância da indústria farmacêutica numa sociedade envelhecida?

A prevalência de doenças crónicas aumenta com a idade, e a nossa missão é combatê-las com inovação e responsabilidade. Acreditamos que a prevenção, nomeadamente a vacinação contra a gripe assume um papel crucial na proteção da saúde dos idosos, indo muito além da prevenção da própria gripe. A vacinação ajuda a manter a funcionalidade e independência dos idosos, reduzindo o declínio funcio-



nal após doenças respiratórias agudas e contribui para uma melhor qualidade de vida. Esta abordagem preventiva não só protege os indivíduos, mas também contribui para a saúde pública em geral e alivia a pressão sobre os sistemas de saúde.

Por outro lado, existe uma necessidade transversal de mais literacia em saúde e a prevenção da doença. Nesse sentido trabalhamos em parceria com associações de doentes, sociedades médicas e outras entidades, para garantirmos que a voz do doente está presente desde o início.

“Esta sinergia entre inteligência humana e artificial é o que realmente impulsiona uma nova era na investigação científica.”

Adicionalmente, através da IA estamos a acelerar a nossa I&D para disponibilizar novos tratamentos para doenças como Alzheimer e Parkinson e a trabalhar em soluções personalizadas e de monitorização remota que apoiem os idosos na gestão da saúde.

Como se harmoniza a finalidade empresarial com a missão social da Sanofi?

Na Sanofi, acreditamos que o sucesso empresarial e a missão social não são objetivos distintos, mas sim interdependentes. O nosso propósito de - “através da ciência melhorar a vida das pessoas” – é o motor que impulsiona tanto a inovação como o crescimento sustentável da empresa.

Investimos em I&D com recurso à AI, para responder a necessidades médicas urgentes e criar soluções transformadoras. Um exemplo concreto é o nosso novo medicamento biológico

“Estamos “All In” na construção de um futuro onde a ciência e a tecnologia se unem para melhorar vidas”

para a Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica, que será brevemente disponibilizado em Portugal – a primeira inovação nesta área em mais de uma década.

Estamos a reduzir o nosso impacto ambiental de forma concreta: desde 2019, já diminuimos 27% as emissões de gases de efeito de estufa com o objetivo de atingir a neutralidade carbónica até 2030.

Através da nossa unidade Global Health Unit já entregámos cerca de 483 milhões de doses de vacinas contra a poliomielite em 2022, reforçando o nosso compromisso com o acesso global à saúde, especialmente em comunidades vulneráveis.

Esta abordagem integrada – que une ciência, sustentabilidade e responsabilidade social – é a base da nossa estratégia.

Qual é a visão da Sanofi para o futuro?

A nossa visão é clara: ir mais longe e mais rápido pelos doentes. Queremos ser uma biofarmacêutica líder, movida pela ciência de ponta e pela tecnologia digital, capaz de transformar profundamente a forma como a saúde é pensada, desenvolvida e entregue.

A nossa inovação está centrada em áreas como imunologia, oncologia, doenças raras, doenças raras hematológicas, neurologia e vacinas, com o objetivo de mudar paradigmas terapêuticos e de trazer novas soluções que sejam as primeiras ou as melhores na sua classe. A inteligência artificial é o motor que nos permite acelerar a descoberta, o desenvolvimento e a entrega da nossa inovação às pessoas que os aguardam com expectativa e esperança.

A nossa ambição é também fazer parte de um sistema de saúde mais sustentável, inclusivo e centrado no doente. Estamos “All In” na construção de um futuro onde a ciência e a tecnologia se unem para melhorar vidas – hoje e para as gerações futuras.

Otimismo marcado, apesar dos desafios

Desenvolvimento ■ As expectativas são para que a indústria farmacêutica continue a crescer acima da economia, apostando na internacionalização e esperando pela reindustrialização da Europa.



Portugal tem vindo a afirmar-se como um parceiro relevante no panorama internacional, nomeadamente na área dos ensaios clínicos

Manuel Rifer
mrifer@medianove.com

O mercado farmacêutico global está avaliado em 1,64 biliões de dólares (cerca de 1,4 biliões de euros), dados do ano passado, e a expectativa é crescer sustentadamente a uma taxa anual de 6,1% até ao final da década, bem acima do ritmo de crescimento das principais economias.

Em Portugal, neste ano e nos próximos, espera-se que o setor cresça a um ritmo entre os 4% e os 6%, a um passo mais acelerado do que o estimado para o conjunto da economia.

“As perspetivas para o setor farmacêutico em 2025 e 2026 são francamente positivas”, afirma ao Jornal Económico (JE) Vanessa Jacinto da Boehringer,

Head of Market Access and Public Affairs da Boehringer Ingelheim.

Vanessa Jacinto aponta como motor para o crescimento a forte aposta na inovação, na digitalização e na colaboração estratégica. Helena Freitas, diretora-geral da Sanofi Portugal, aponta como eixos de desenvolvimento também a inovação terapêutica e a transformação digital, mas acrescenta-lhe um outro: a sustentabilidade ambiental e económica, traduzindo, também, a pressão regulatória e de mercado para práticas sustentáveis, com foco na redução da pegada ambiental e na economia circular.

Serão a base de um “crescimento moderado, mas sustentado”, diz Helena Freitas.

Os fundos europeus do Portugal 2030 e do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) con-

tribuirão para o financiamento de projetos de inovação e digitalização.

“É essencial adotar uma visão de futuro que valorize a inovação não apenas pelo seu custo imediato, mas pelo seu valor terapêutico a longo prazo. A inovação em saúde deve ser avaliada pela sua capacidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas, gerar eficiências no sistema de saúde e reduzir a sobrecarga dos serviços, otimizando recursos humanos e económicos”, diz Helena Freitas, mas acrescenta que, para se concretizar tudo isto, “é urgente rever os modelos de avaliação das tecnologias de saúde e reduzir os tempos de acesso a medicamentos inovadores, que continuam acima da média europeia”.

“Estamos perante uma trans-

formação significativa, em que ciência, tecnologia e sustentabilidade se alinham para responder aos desafios de saúde pública e garantir um acesso mais célere e equitativo à inovação”, refere Vanessa Jacinto. “Portugal tem vindo a afirmar-se como um parceiro relevante no panorama internacional, nomeadamente na área dos ensaios clínicos”, acrescenta.

SNS e mercado internacional

O mercado em Portugal, até 2030, deverá ser impulsionado por áreas terapêuticas como oncologia, imunologia e doenças metabólicas, incluindo obesidade e diabetes, impulsionando pesquisas e desenvolvimento. A evolução tecnológica e as mudanças nas preferências dos consumidores também terão impacto,

obrigando a adaptações no modelo de negócio.

Quem está no mercado projeta a continuação do crescimento da procura por medicamentos genéricos e biossimilares, refletindo a pressão para controlar custos no Serviço Nacional de Saúde, que deverá continuar a ser tema, com implicações políticas.

“O novo ciclo político representa uma oportunidade clara para reposicionar a saúde como prioridade estratégica – com políticas mais ambiciosas de prevenção, um ambiente mais favorável à introdução de inovação e uma valorização real da contribuição da indústria farmacêutica para o desenvolvimento económico e social”, diz ao JE fonte oficial da GSK.

“A sustentabilidade do próprio sistema de saúde continua a ser um desafio central”, diz Helena Freitas. “Apesar do aumento global da despesa em saúde, a parte dedicada ao medicamento permanece inalterada desde 2010, representando apenas 6,5% do PIB per capita – um valor significativamente abaixo da média europeia”, aponta. “Este subfinanciamento compromete a capacidade de resposta do SNS e limita o acesso equitativo à inovação”, avisa.

A internacionalização das farmacêuticas portuguesas também é uma tendência apontada. Bial e Hovione são exemplos, tanto do investimento em I&D como nos processos de expansão.

As empresas portuguesas estão a reforçar a presença internacional, sobretudo no segmento de Contract Development and Manufacturing Organizations. A Hovione, por exemplo, está a expandir-se nos EUA e na Ásia, o que aumenta a competitividade do setor português a nível global.

A prazo, consequência dos problemas detetados durante a pandemia de covid-19 e da evolução do quadro geopolítico depois disso, a segurança relacionada com a indústria farmacêutica poderá provocar alterações, além da possível disrupção provocada pelas tarifas norte-americanas.

Neste ambiente, com a afirmação da política de reindustrialização da Europa, Portugal poderá beneficiar de incentivos europeus para reforçar a capacidade produtiva de API (ingredientes farmacêuticos ativos) e medicamentos essenciais.



Vanessa Jacinto, Head of Market Access and Public Affairs da Boehringer Ingelheim

Boehringer Ingelheim: 65 anos a investir em saúde com inovação

Há mais de seis décadas em Portugal, a Boehringer Ingelheim tem reforçado um papel estratégico no sistema de saúde, apostando na investigação clínica e no acesso à inovação. Vanessa Jacinto, Head of Market Access and Public Affairs da empresa, explica como a visão global da Boehringer, com particular foco na sustentabilidade, se traduz em ação local, com investimento contínuo e impacto real na saúde

A Boehringer assinala 65 anos em Portugal. Que balanço faz deste percurso no contexto do mercado nacional da saúde e da indústria farmacêutica?

Celebrar 65 anos da Boehringer em Portugal é reconhecer uma história de dedicação, crescimento e compromisso com a saúde. Desde o início, trilhámos um caminho de inovação e excelência científica. Somos uma referência no setor farmacêutico pela forma como atuamos: com integridade, responsabilidade e impacto real. Esta jornada tem sido feita lado a lado com profissionais de saúde, instituições académicas e autoridades regulamentares. Por exemplo, nos últimos 10 anos, investimos mais de 20 milhões de euros em ensaios clínicos, reforçando o contributo para a investigação. Na Saúde Humana, procuramos responder a necessidades médicas não satisfeitas, com foco em doenças respiratórias, cardiovasculares, oncológicas, metabólicas e do sistema nervoso central. Já na Saúde Animal, somos um dos principais fornecedores de soluções terapêuticas e diagnóstico. Além disso, temos sido um parceiro estratégico do SNS, promovendo o acesso sustentável à inovação. A nossa independência como empresa familiar permite-nos investir com visão de longo prazo, centrada no doente e na criação de valor partilhado.

Como se articula a estratégia nacional da Boehringer com a visão global da empresa nas áreas de Investigação e Desenvolvimento (I&D), mas também no que toca a políticas de sustentabilidade?

Acreditamos na união entre visão global e ação local. Em Portugal, seguimos os pilares globais da Boehringer: inovação centrada no doente, sustentabilidade e criação de valor a longo prazo. Em I&D, o nosso compromisso é claro e, em 2024, investimos 6,2 mil milhões de euros. Este investimento global tem impacto através de conhecimento, tecnologia e inovação. E embora Portugal não seja um centro de I&D da empresa, temos reforçado a participação em estudos clínicos em parceria com centros académicos e hospitais. Por outro lado, seguimos o

programa Sustainable Development For Generations, com metas como a neutralidade carbónica até 2030. Em Portugal, traduz-se em mobilidade verde, redução de recursos e práticas sustentáveis. Mas, a sustentabilidade também passa pela inovação social. O Boehringer Award for Innovation in Healthcare, com o apoio institucional da Ordem dos Médicos, é exemplo disso. Em 2023, o projeto vencedor – ROSE – propôs soluções para reduzir o impacto ambiental dos blocos operatórios, da triagem de resíduos à sustentabilidade hídrica. A força da nossa estratégia está em transformar ideias globais em ações com impacto real.

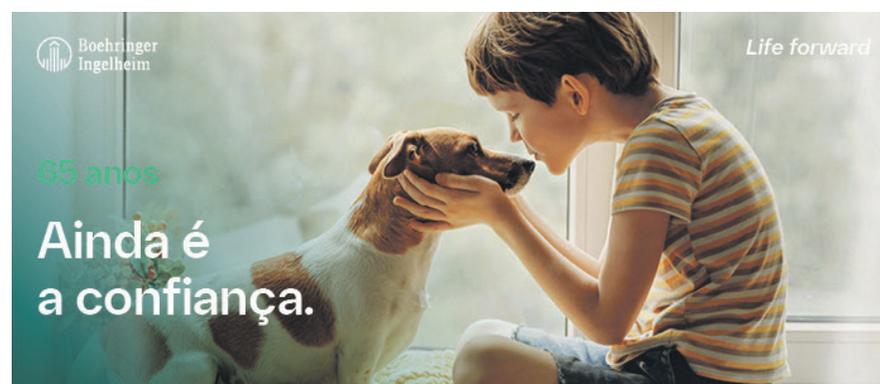
Que prioridades definem o futuro da vossa empresa em Portugal para a próxima década?

Olhamos para o futuro com ambição. A missão é continuar a inovar, investir na digitalização, na sustentabilidade e contribuir para um sistema de saúde mais resiliente e próximo. Nos próximos dez anos, queremos reforçar o papel da Boehringer como agente de inovação. O foco será a área terapêutica de doenças crónicas complexas. Hoje, temos 90 projetos de investigação, com o objetivo de lançar 20 novos

medicamentos nos próximos anos. Até 2035, queremos ser líderes nas nossas áreas de atuação, mantendo a independência como empresa familiar. Vamos continuar a expandir a investigação clínica, reforçando parcerias locais e garantindo acesso antecipado a terapias inovadoras. Apostamos também em soluções digitais e novos modelos de acesso e avaliação de valor, para que a inovação chegue aos doentes com equidade e rapidez.

O que distingue a Boehringer no mercado farmacêutico em termos de políticas de acesso e de responsabilidade social corporativa?

O compromisso com o acesso equitativo à saúde e uma forte cultura de responsabilidade social está no centro da nossa atuação. Trabalhamos para reduzir barreiras a tratamentos inovadores, sobretudo nas áreas com necessidades médicas por satisfazer. Acreditamos que o nosso papel vai além do medicamento: atuamos em parceria com o sistema de saúde, desenvolvendo soluções que beneficiam os doentes e a sociedade. Enquanto empresa familiar, cultivamos relações duradouras baseadas na confiança e empatia, mas também desenvolvemos iniciativas de empreendedorismo, sustentabilidade ambiental, inclusão, bem-estar interno e investigação clínica. As nossas parcerias locais reforçam a Boehringer como agente de transformação científica e social. Promovemos ainda projetos de literacia em saúde, como o Boehringer Inspiring Stories, que aproximam a Ciência das pessoas. Na Boehringer, inovação e responsabilidade social caminham juntas e o nosso compromisso é com as pessoas, o sistema de saúde e o futuro.



Acelerando a Inovação em Saúde: A Visão da Johnson & Johnson Innovative Medicine para Portugal

Entrevista a Filipa Mota e Costa, diretora-geral da farmacêutica Johnson & Johnson Innovative Medicine Portugal

A inovação é uma das prioridades da Johnson & Johnson Innovative Medicine. Que áreas científicas ou terapêuticas considera mais promissoras em Portugal?

A nossa prioridade é investir em áreas que visam responder a necessidades médicas ainda não satisfeitas. A Oncologia e a Psiquiatria são dois bons exemplos da inovação já disponível para os doentes, bem como da que está a ser desenvolvida através de ensaios clínicos realizados em Portugal. Mas não nos ficamos por aqui: o nosso foco abrange também áreas como a Hematologia, Imunologia e doenças raras, como a Hipertensão Arterial Pulmonar. Em todas estas áreas, temos vindo a disponibilizar inovação verdadeiramente transformadora, que agora chega também aos doentes em Portugal.

A medicina personalizada está a deixar de ser uma tendência para se tornar uma realidade clínica. Que tipos de soluções ou abordagens inovadoras estão hoje a ser aplicadas com sucesso?

Estamos numa era em que o modelo "one-size-fits-all" deixou de ser eficaz. A medicina personalizada é já uma realidade, trazendo ganhos significativos de eficácia e redução dos efeitos secundários.

Portugal tem feito uma aposta firme nesta área e tem conseguido avanços notáveis na introdução de terapias celulares. As terapias CAR-T, por exemplo, já estão disponíveis no país e constituem um dos melhores exemplos de medicina personalizada. Além disso, temos um elevado nível de adoção de biomarcadores, que permitem identificar com precisão o tratamento mais adequado a cada perfil de doente. Estes avanços representam benefícios significativos, inclusive para a sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

Num setor em rápida evolução, que prioridades estratégicas definiu a Johnson & Johnson na área da investigação clínica e dos ensaios clínicos?

Em 2018, conseguimos posicionar Portugal como "core country" para Investigação e Desenvolvimento (I&D) na J&J Innovative Medicine. Desde então, mais do que triplicámos o número de



ensaios e os recursos humanos afetos a esta área, estando atualmente no TOP 3 a nível nacional.

Queremos continuar a reforçar este investimento. Para isso, o país deve prosseguir o caminho de mudança iniciado nos últimos anos. O regulamento europeu já trouxe vantagens competitivas, e o enquadramento legal necessário para dar maior autonomia aos hospitais está criado – falta agora a sua implementação prática. É essencial criar redes de referência e colaboração entre hospitais, que permitam ganhos de escala e recrutamento mais ágil e eficaz. É importante manter a sensibilização para estas necessidades, sob pena de perdermos ensaios clínicos para outros países.

Num contexto em que a inteligência artificial e o big data estão a transformar o desenvolvimento de medicamentos, pode partilhar exemplos de como estas ferramentas já estão a ser aplicadas no vosso trabalho em Portugal?

A Johnson & Johnson já utiliza inteligência artificial para acelerar o processo de I&D de novos medicamentos. Estas ferramentas permitem-nos encurtar significativamente o tempo

de descoberta e desenvolvimento, possibilitando o acesso mais rápido a terapêuticas que podem transformar a vida dos doentes.

Num consórcio internacional, verificámos que a IA pode ser até 250 vezes mais eficiente do que os métodos tradicionais na descoberta de medicamentos. Portugal também beneficiará destes avanços. Dada a nossa dimensão, a IA tem permitido melhorar processos internos e a forma como trabalhamos, com impacto direto na eficácia e nos resultados para os doentes.

A colaboração entre farmacêuticas, SNS e hospitais privados é essencial para responder aos desafios atuais. Na sua opinião, que boas práticas devem ser implementadas nesta articulação?

A colaboração já existe, e estou convicta de que todas as partes estão empenhadas em fortalecê-la. Para que esta articulação seja ainda mais eficaz e salve mais vidas, é fundamental criar infraestruturas para tratamento e partilha de dados. A interoperabilidade entre hospitais do SNS e entre o SNS e os privados será um verdadeiro "game changer" para alcançar melhores resultados em saúde e contribuir para a

sustentabilidade do sistema.

Qual deve ser, no seu entender, a prioridade política e regulatória para que o setor farmacêutico continue a crescer de forma sustentável e a beneficiar os doentes em Portugal? O acesso à inovação tem de estar entre as principais prioridades do país. O atual Governo tem dado sinais positivos de que reconhece o valor da inovação em saúde.

Contudo, Portugal continua a ser um dos países mais lentos da Europa na aprovação de novos medicamentos. Segundo o relatório WAIT, o país regista um tempo médio de 840 dias até à aprovação de um novo medicamento, ficando atrás de países como a Roménia e a Bulgária. As autoridades demonstram empenho em inverter esta tendência, o que é encorajador. Para avançarmos, é necessário apostar em novos modelos de aprovação de tecnologias de saúde, baseados em dados concretos e disponíveis atempadamente, permitindo a implementação de modelos de partilha de risco e decisões sustentadas em evidência científica.

O objetivo final deve ser garantir que todas as pessoas com doença tenham acesso rápido, equitativo e sustentável às terapias de que necessitam.